

A “NOVA” ESTRATÉGIA NUCLEAR DE BIDEN E A SUPER-ESPOLETA QUE A DESENCADEIA

Por Theodore A. Postol*



O submarino de mísseis balísticos da classe Ohio, USS Tennessee (James Kimber/Marinha dos EUA).

Não importa o quão bem-sucedido um ataque nuclear preventivo possa parecer no papel; uma guerra nuclear iniciada na crença delirante de que pode ser vencida trará destruição em escala global.

O *New York Times* relatou em 20 de agosto que o presidente Biden [aprovou uma estratégia nuclear](#) secreta com foco nas forças nucleares chinesas e russas.

De acordo com o artigo, a nova orientação nuclear “reorienta a estratégia de dissuasão da América” para atender “à necessidade de dissuadir a Rússia, a RPC (China) e a Coreia do Norte simultaneamente”.

No entanto, a aprovação dessa estratégia por Biden não é mais do que um reconhecimento tácito de um programa técnico dos EUA de duas décadas que tem sido mais do que apenas uma “leve modernização” de componentes de armas, mas um passo dramático em direção à capacidade de lutar e vencer guerras nucleares com a China e a Rússia. Em outras palavras, não há nada realmente “novo” nisso, exceto a natureza muito pública do reconhecimento da estratégia.

Diante de tudo isso, os líderes chineses e russos não terão escolha a não ser implementar contramedidas que aumentem ainda mais a prontidão já perigosamente alta de suas forças nucleares. Isso inclui planejamento

intensificado do pior caso que aumentará as chances de respostas nucleares a falsos avisos de ataque.

A fonte técnica dessa grande melhoria no poder de fogo nuclear dos EUA é [um super fusível relativamente novo ou “super-espoleta”](#) que já está sendo instalada em todos os mísseis balísticos estratégicos dos EUA. Esta espoleta mais do que dobra a capacidade dos mísseis balísticos lançados por submarinos Trident II (SLBM, *Submarine Launched Ballistic Missiles*) carregando ogivas W-76 de 100 quilotons para destruir mísseis balísticos intercontinentais (ICBM, *Intercontinental Ballistic Missiles*) com ogivas nucleares chinesas e russas em silos reforçados.

A força de submarinos Trident dos EUA atualmente (não totalmente carregada) [carrega cerca de 890 ogivas W-76 de 100 quilotons e 400 W-88 de 475 quilotons](#). As 400 ogivas W-88 [foram equipadas com a super-espoleta](#) e originalmente deveriam ter a combinação de precisão e rendimento para destruir ICBM russos baseados em silos antes de serem lançados. Mas não há W-88 suficientes para atacar ICBM russos e chineses baseados em silos antes que eles possam ser lançados.

Então, com a atualização da espoleta dos W-76, as ogivas W-88 não são mais necessárias para esse trabalho. Várias ogivas W-76 atualizadas podem ser usadas para missões planejadas contra mísseis baseados em silos na Rússia e na China.

Embora 890 W-76 estejam atualmente em submarinos Trident II, os EUA têm 1.600 no total, tornando a W-76 a ogiva [mais numerosa](#) no arsenal americano hoje. Na eventualidade de que as limitações de controle de armas não mais restrinjam o tamanho das forças nucleares dos EUA, essas ogivas poderiam ser facilmente adicionadas e transportadas pelos mísseis balísticos Trident II já disponíveis no mar, cada um dos quais pode transportar até 12 ogivas W-76.

Com esse “upload”, ainda haveria mísseis balísticos Trident II restantes mais do que suficientes em submarinos para transportar todas as 400 ogivas “pesadas” W-88 de 475 quilotons disponíveis também.

Mas vamos falar mais sobre a super-espoleta secreta ou Fusível Compensador de Altura de Ruptura.

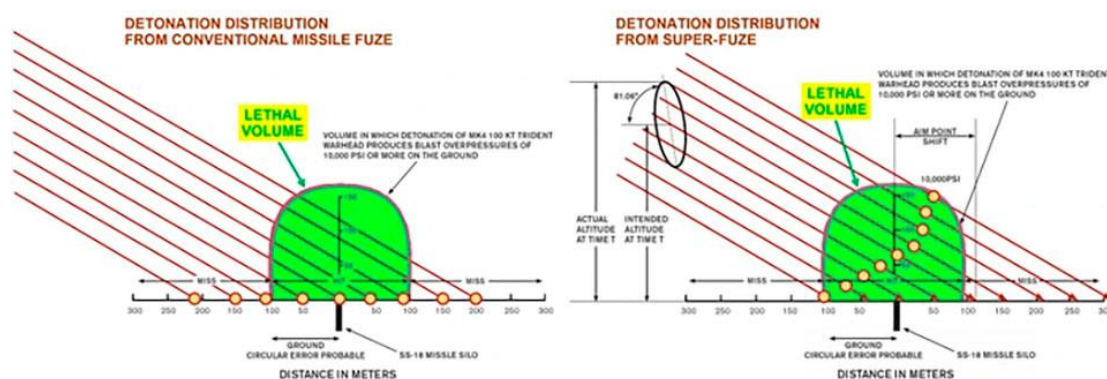


FIGURA 1: A super-espoleta melhoraria drasticamente a capacidade de matar ogivas balísticas contra silos de mísseis (T. Postol).

A Figura 1 acima ilustra como a super-espoleta aumenta drasticamente o “poder de matar” de uma ogiva lançada por míssil balístico.

A Figura 1 tem uma inserção esquerda e direita, cada uma das quais mostra um conjunto de linhas descendo do canto superior esquerdo em direção ao solo. Essas linhas descrevem as diferentes trajetórias das ogivas que chegam. Essa dispersão na precisão de entrega das ogivas ocorre devido aos efeitos combinados de pequenos erros que levam a diferenças entre as trajetórias pretendidas e reais das ogivas. Esses erros são de erros de alinhamento e velocidade descontrolados de quando o míssil está em voo motorizado, durante a implantação de cada ogiva pelo míssil e quando a ogiva reentra na atmosfera.

A inserção à esquerda da Figura 1 mostra os locais de detonação de ogivas armadas com uma espoleta convencional, e a inserção à direita mostra os locais das detonações com a super-espoleta.

Ambas as inserções mostram um limite preenchido em verde que parece um copo de cabeça para baixo. Este copo mostra o volume ao redor do alvo onde a detonação de uma ogiva nuclear destruirá ou “matará” o alvo.

No caso da espoleta convencional, as ogivas pousam em um plano ao redor do alvo, algumas caindo fora do volume letal, enquanto outras caem dentro. No caso da super-espoleta, mostrada no detalhe à direita, cada ogiva é colocada dentro do volume letal, resultando em uma porcentagem muito maior de ogivas nas diferentes trajetórias matando o alvo.

A super-espoleta atinge seu fantástico aumento na eficiência de abate medindo sua altitude em um momento escolhido enquanto ainda está fora da atmosfera, mas relativamente perto de seu alvo. Se a medição der a altitude desejada, a espoleta determina que nenhuma correção é necessária. Se a altitude for muito alta, a espoleta determina que o comprimento do caminho e a altitude devem ser alterados para garantir que a detonação ocorra dentro do volume letal.

Se a altitude for muito baixa, isso significa que a ogiva ficará aquém e fora do volume letal. Isso é corrigido escolhendo intencionalmente o ponto de mira um pouco além do alvo. Ao mudar o ponto de mira, a espoleta aumenta as chances de que ogivas que, de outra forma, ficariam aquém e longe do volume letal, sejam comprimidas no alcance (conforme ilustrado na inserção esquerda da Figura 1) para detonar dentro do volume letal.

As implicações militares dessa capacidade adicional “tecnicamente doce” às ogivas de mísseis balísticos dos EUA têm grandes implicações para as capacidades de combate dos Estados Unidos.

TRIDENT II W88 475 KT WARHEAD AGAINST A DEEPLY BURIED UNDERGROUND COMMAND POST

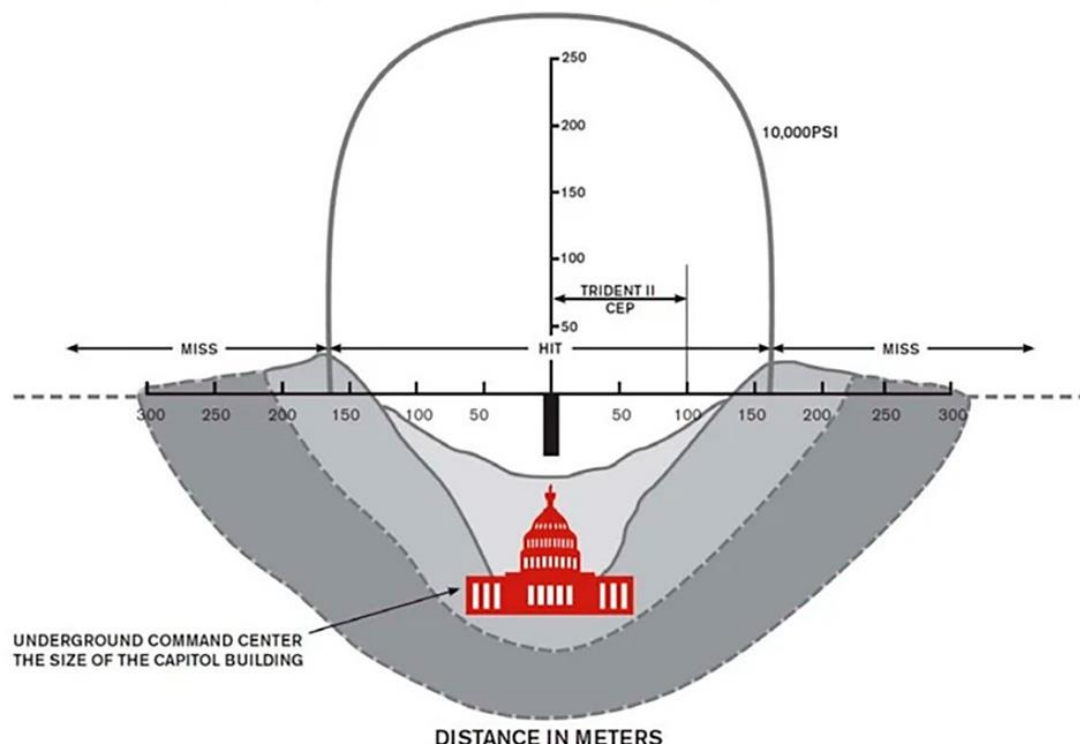


FIGURA 2: Como as ogivas nucleares de 100 kt armadas com super-espoletas agora podem substituir as ogivas W-88 de 475 kt de rendimento muito maior para ataques a ICBM baseados em silos, as W-88 agora estão livres para outras missões, como aquelas contra alvos de comando e liderança de alta prioridade (T. Postol).

Embora qualquer avaliação tecnicamente precisa das consequências físicas do uso em larga escala de armas nucleares mostre instantaneamente que “ganhar” uma guerra nuclear não tem sentido, os Estados Unidos enfatizaram vigorosamente o desenvolvimento de tecnologias de armas nucleares que só fariam sentido se seu propósito pretendido fosse lutar e vencer guerras nucleares.

O superfusível é exatamente esse tipo de tecnologia.

Agora é possível para os EUA, pelo menos de acordo com as estratégias de combate nuclear, atacarem os mais de 300 ICBM baseados em silos que a China vem construindo desde cerca de 2020 com o grande número de ogivas W-76 Trident II de 100 quilotons disponíveis. A rápida expansão na “capacidade de matar alvos difíceis” da ogiva W-76 de 100 quilotons também torna simultaneamente possível para os EUA atacarem os cerca de 300 ICBM russos baseados em silos.

Abordar o desenvolvimento e a implantação desses tipos de tecnologias de ataque preventivo em termos enganosos como “aumentar a dissuasão” não enganam a liderança militar e política da Rússia e da China. Em vez disso, não lhes deixa outra escolha senão considerar formas de dissuadir uma perigosa nação norte-americana orientada para a prevenção armada com armas nucleares, que está constantemente se esforçando para encontrar melhores maneiras de “desarmar” grandes partes de suas próprias forças nucleares.

Não é por acaso que o próprio presidente russo Vladimir Putin aprovou o desenvolvimento e revelou a existência da arma definitiva do juízo final — o [submarino robô Poseidon](#), que pode transportar uma ogiva de 100 megatons para portos de cidades dos EUA, Europa e leste da Ásia — capaz de destruir áreas urbanas a distâncias além de 80 km de seu ponto de detonação subaquático.

A implantação do sistema Poseidon pela Rússia serve de aviso para aqueles que pensam que podem lutar e vencer guerras nucleares destruindo preventivamente partes significativas das forças de retaliação nuclear da China e da Rússia. Não importa o quão bem-sucedido um ataque nuclear preventivo planejado possa parecer no papel, a realidade de uma guerra nuclear iniciada com a crença delirante de que poderia ser vencida será uma destruição global em escala tão grande que o fim da civilização humana não pode ser descartado.

Este é o verdadeiro legado da nova estratégia nuclear de Biden e da super-espoleta.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

****Theodore A. Postol** é professor emérito de ciência, tecnologia e política de segurança nacional no MIT. Ele também lecionou em Princeton e Stanford e foi consultor do chefe de operações navais, onde avaliou os planos de guerra nuclear táticos e estratégicos dos EUA, os planos de guerra antissubmarino estratégicos dos EUA, as defesas de mísseis russas e americanas e os sistemas de mísseis balísticos lançados por submarinos Trident I e Trident II.*
